



Detalhe de fotografia produzida pelos discentes

# PORTFÓLIO

Poéticas Ancestrais em São Raimundo das  
Mangabeiras

APRECIÇÃO,  
CONTEXTUALIZAÇÃO  
E PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS  
PARA (RE)SIGNIFICAR REALIDADES



# MEIRE ASSUNÇÃO SOUZA ARAUJO



Fotografia feita pela aluna Victória

Mangaba. Desenho aquarelado, autor desconhecido. Recife, PE, 1845. Acervo da Biblioteca Nacional (Brasil); Folha - Les plantes a feuillage coloré. v.1. Paris: Rothschild, 1867-1870. / Colagens: Dinho Araujo

**POÉTICAS ANCESTRAIS EM SÃO RAIMUNDO DAS MANGABEIRAS:  
APRECIÇÃO, CONTEXTUALIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS PARA  
(RE)SIGNIFICAR REALIDADES**

*“A primeira coisa que vou fazer quando acabar de levantar as paredes da nossa casa é colocar os retratos... Obrigado!”*

*Relato do pai de uma das crianças fotografadas pelos discentes.*



Entrega das fotografias para crianças retratadas.

Este portfólio apresenta imagens, textos e reflexões como registros do projeto **Poéticas Ancestrais em São Raimundo das Mangabeiras: apreciação, contextualização e produção de fotografias para (re)significar realidades**, construído com os alunos do Campus do IFMA da cidade de São Raimundo da Mangabeiras.



Larícia, discente do primeiro ano do curso de Informática, participante da oficina de pintura facial.



Registro das discentes Ana Karen e Isadora, das profissionais terceirizadas que atuam na limpeza do campus. Título: Tias da limpeza. Fotografia digital. Processo coletivo



Autor: Isadora (Discente do 3ºano de Informática)  
Estudo de perspectiva  
Técnica: fotografia digital  
Ano: 2019



Autora: Victoria (Discente do 3ºano de Informática)

Título: Sorriso em meio ao caos

Técnica: fotografia digital

Ano: 2019

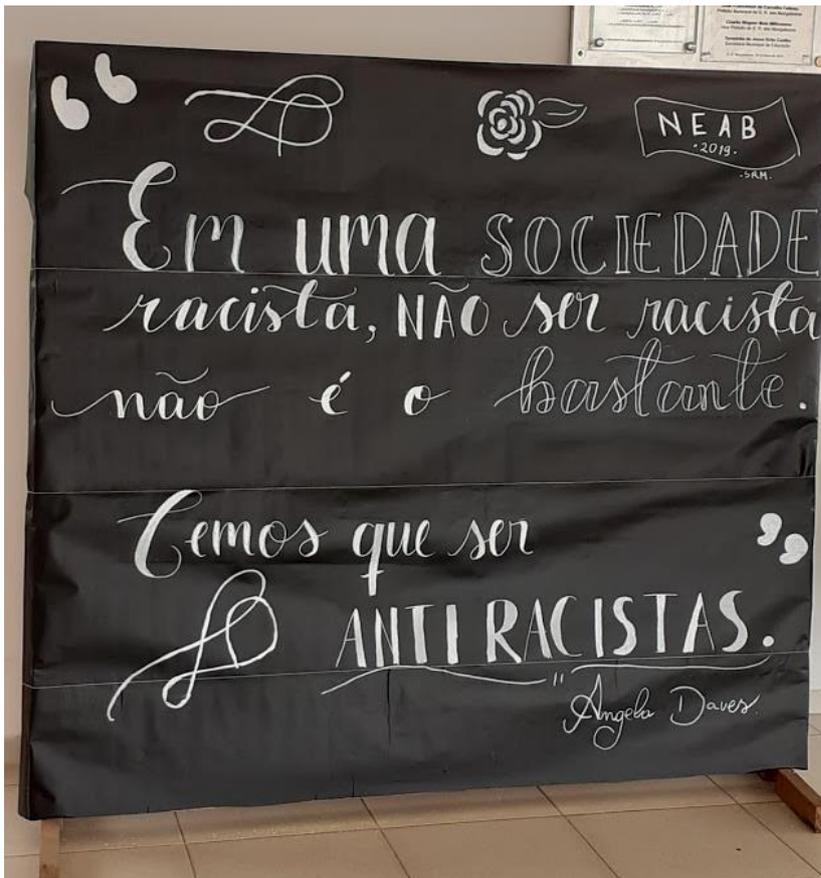


Autor: Letícia (Discente do 3ºano de Informática)

Título: Casas

Técnica: fotografia digital

Ano: 2019



Painel produzido pelos alunos para a exposição fotográfica.



Autor: Letícia  
(Discente do 3ºano de Informática)  
Título: Simplicidade  
Técnica: fotografia digital  
Ano: 2019



Autor: Letícia (Discente do 3ºano de Informática)  
Título: Olhares de esperança  
Técnica: fotografia digital  
Ano: 2019



Entrega das fotografias para as crianças retratadas  
Técnica: fotografia digital / mobgrafia  
Ano: 2019

# MONTAGEM E MEDIAÇÕES DA IMAGEM



Registros da montagem da exposição no campus



Criança vê sua imagem



Revisor de textos Braille orientando os discentes sobre a disposição das legendas da exposição nesse código

## Onde surge o projeto. Primeiros impactos e registros fotográficos das desigualdades...

A cidade de São Raimundo das Mangabeiras, localizada na região sul do Maranhão, possui alta concentração de renda, realidade mascarada pelo PIB per capita, que aparece acima da média nacional, por conta da produção da soja nessa região (Silva, 2014). Essa realidade é sentida ao caminhar pelas ruas das cidades, no contraste entre moradias luxuosas, modestas e casebres. É comum ver crianças nas ruas procurando alimentos ou objetos nas latas de lixo. Desde a minha chegada, em maio de 2019, para trabalhar como professora de Arte do Campus do IFMA presencio esse contexto desigual. Nosso trabalho reflete essa complexa e perversa realidade. Decidi continuar com uma experiência iniciada em 2018 em outro Campus, propondo um maior envolvimento e participação dos discentes e das turmas, no planejamento e execução das aulas de Arte. No início de cada semestre convidava os discentes a selecionar comigo os conteúdos a serem estudados nas aulas. Um dos conteúdos destacados pelos discentes e que fazia parte da relação de temas a serem abordados



Criança revirando a lata de lixo. Ano: 2019.  
Autor: Meire Assunção



Crianças catando brinquedos na lixeira.  
Ano:2019. Autor: Meire Assunção

no semestre foi a fotografia. A experiência estética e pedagógica foi marcada pelo protagonismo dos discentes do terceiro ano do Curso Técnico de Informática. Nos últimos semestres de 2019, focamos na apreciação, contextualização e produção de fotografias. Embora o tema tenha sido selecionado pela maioria dos alunos da turma, a mediação foi importante para ressaltar as imagens fotográficas como narrativas visuais, que implicam em atenção e análise para a construção do olhar estético. Os alunos foram motivados a pensar na influência das fotografias e realidades retratadas, desde o século XIX, quando temos os primeiros registros fotográficos analógicos. Um dos aspectos que garantiu o êxito da ação foi considerar a opinião e interesse dos discentes na escolha dos conteúdos. Essa atitude foi fundamental para o desenvolvimento de todas as atividades realizadas. O envolvimento dos alunos no planejamento das aulas e escolha dos temas foi uma aprendizagem marcante. Isso ficou visível pelo interesse durante as aulas e também na etapa de planejamento.

Ao final de cada encontro, perguntava se algum aluno/a tinha interesse em planejar as aulas seguintes comigo, com participação voluntária dos estudantes que opinavam sobre metodologias e colaboravam na elaboração dos recursos pedagógicos. Nos recortes temáticos eram feitas relações entre as fotografias estudadas e as realidades cotidianas e as questões que inquietavam o grupo. Para olhar para a cidade, bairro/ comunidade através das fotografias apresentamos para a turma os trabalhos dos fotojornalistas Sebastião Salgado e Kevin Carter. Ambos forneceram perspectivas críticas e imagéticas. Funcionou como um espelho, no sentido foucaultiano, como um processo de se debruçar sobre as obras de arte onde somos refletidas/os na obra. No decorrer das aulas, o conteúdo das obras dos artistas foi nos fazendo mergulhar de outra forma na realidade desigual da cidade de São Raimundo das Mangabeiras. À medida que íamos estudando simultaneamente biografias e obras dos referidos artistas, fomos levados a pensar na situação precária dos trabalhadores e crianças em situação de vulnerabilidade. O nome dos dois artistas surge não apenas do meu

repertório acadêmico, mas também dos discentes. Meu primeiro contato com Sebastião Salgado se deu através do kit Arte Br, no caderno “Colher o pão de todo dia”. Através dele, conheci um dos temas de sua abordagem: trabalhadores. Como ela provoca a discussão acerca dos trabalhadores rurais, percebi que o tema seria pertinente, já que, na nossa realidade, o trabalho com a agricultura familiar é bem comum, apesar de travar uma luta injusta com o agronegócio nas cidades vizinhas. Como cenário complexo, temos pais dos discentes trabalhando tanto na agricultura familiar como no agronegócio. O caderno de estudos do professor, disponibilizado no kit, assim como o diálogo com os discentes, foi muito relevante para construir um caminho. As palavras que abrem esse material são de Eugênio Sigaud e tratam da função social da arte. Elas foram muito importantes para iniciarmos o debate sobre o tema da desigualdade social ao enfatizar que: “Sempre exaltei o operário anônimo, sempre denunciei a vida massacrada pelo sistema. Sempre tive consciência da função social da arte. Ao meu ver, toda arte pode concorrer para ativar o debate político, melhorando assim, por via indireta, a vida do homem.” A poética de Sebastião Salgado trouxe o debate necessário sobre temáticas como: precarização do trabalho dos agricultores, movimento dos Sem-Terra, importância da Agricultura Familiar, entre outros. Embora já conhecesse o fotógrafo Kevin Carter, seu nome surgiu a partir de discussões realizadas sobre a obra de Salgado. Ao notarem o conteúdo social presente na narrativa do artista, a discente Wanessa Cristina comentou sobre Kevin Carter. Como os demais não conheciam o trabalho dele, decidimos estudá-lo. A mediação com os discentes foi ocorrendo de forma espontânea no decorrer das aulas, sobretudo no processo de leituras das fotografias dos dois referidos artistas.

### **Objetivos:**

Os objetivos do projeto foram pensados a partir da esfera estética, política e social. Por meio do estudo das fotografias de Sebastião Salgado e Kevin Carter, propus aos discentes criar novas perspectivas sobre suas fotografias. Grande parte dos alunos produz selfies, além de uma diversidade de imagens cotidianas. A proposta do projeto foi pensar o processo fotográfico a partir de reflexões, apresentação de repertórios e investimento no olhar estético de cada aluno e ao mesmo tempo em uma dinâmica de pensar em grupo.

Pretendia evidenciar que a Arte possui uma dimensão política e, dessa forma, possibilitar aos discentes o acesso a narrativas de imagens que despertassem reflexões sobre problemáticas sociais. Em outras palavras, fazer com que os discentes compreendessem o poder de denuncia social das obras, bem como o seu potencial transformador. Procurei despertar olhares críticos e posturas mais atuantes frente a situação precária de muitos trabalhadores com os quais convivemos e sujeitos em condições de vulnerabilidade, crianças sem acesso a alimentação, educação, saúde e lazer. Os objetivos foram sendo sistematizados ao longo do processo. A cada aula, acrescentávamos elementos a serem discutidos, geralmente explorando as imagens estudadas para análise da nossa própria realidade. Consideramos relevante na seleção dos conceitos e procedimentos metodológicos a elaboração de estratégias que possibilitassem uma imersão não apenas na técnica estudada, mas sobretudo na poética presente nas obras dos dois artistas. As estratégias pedagógicas foram executadas de modo que os discentes pudessem vivenciar experiências estéticas no estudo de fotografias, construindo novas perspectivas sobre essa técnica. A partir do contato com narrativas fotográficas com intencionalidade de denúncia de injustiças sociais, buscamos um confronto com a realidade, com as desigualdades vividas diariamente e que não produziam incômodo.

### **Referências teóricas:**

O referencial teórico vem de diferentes áreas. Acredito que a compreensão, discussão e estudo da Arte não precisa se dar por um único viés. Pensadores como Paulo Freire, Michael Foucault, Ana Mae Barbosa, Maria Helena Vagner Rossi e Marx ajudaram a estabelecer conexões importantes para pensarmos a nossa realidade a

partir das mídias artísticas. Esses autores foram fundamentais no desenho da proposição. Tentei fazer uma mediação pedagógica que permitisse trazer discussões problematizadas nas elaborações conceituais dos referidos teóricos. Há um legado teórico de Paulo Freire, especialmente seu trabalho Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Trata-se de um texto que provoca reflexões significativas sobre os processos educacionais e a sociedade. Para ele o processo de ensinar exige dos educadores a consciência de que o processo educacional provoca mudanças no mundo. É uma compreensão política da prática docente, se pensarmos na lógica neoliberal e a sua relação direta com o crescimento da desigualdade social. Por influencia de Freire, estimo a atuação dos discentes, que se faziam presentes desde o planejamento até a execução das aulas. É fruto do seu legado a perspectiva dialógica, onde o desenvolvimento do pensamento crítico nos discentes se dá a partir do diálogo com os mesmos. Com Michel Foucault, exploramos as reflexões desenvolvidas no capítulo I do livro “As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas”. LAS MENINAS é o título desse capítulo. Nele, o filósofo tece uma interessante abordagem acerca do complexo processo de fruição de obras de Arte, por meio de uma análise da obra Las meninas, do pintor Velásquez. Colocamos em primeiro plano o fragmento que ele utiliza a metáfora do espelho para classificar as obras de arte. Conforme sugerido, ao vermos uma obra, não percebemos apenas a técnica do artista, tampouco somente o tema representado, mas múltiplas interpretações da realidade representada. Não se restringe ao modo como o artista representou algo, mas como nós a vemos, como nos vemos refletidas nela. Assim, as fotografias estudadas foram vistas e interpretadas na perspectiva dos discentes, que enxergaram não apenas o tema representado em cada uma, mas a conexão entre elas e sua realidade. Como na metáfora de Foucault, o que vemos somos nós mesmos a partir do que foi representado pelo artista, conforme atesta a fala da discente Vanessa ao ver uma das fotografias de crianças em situação de vulnerabilidade produzidas por seus colegas nas idas a campo: *“professora, podia ser qualquer um de nós...”* Verificamos que a discente não observa apenas a imagem, mas se imagina nela. Das referências do campo da Arte/Educação, me ancoriei em duas teóricas: Ana Mae Barbosa e Maria Helena Vagner Rossi. Propus uma aplicação da abordagem triangular, de Ana Mae, uma vez que trabalhamos com a contextualização, fruição e produção de fotografias. O seu livro a Imagem no Ensino da Arte: oitenta e novos tempos, foi essencial para os processos de leitura de imagens. Maria Helena trouxe a necessidade de desenvolver estratégias pedagógicas que possibilitem aos discentes desenvolver o olhar estético. Segundo a autora, é um olhar diferente do que temos cotidianamente. Ela problematiza a importância do ensino da arte para o desenvolvimento desse olhar reflexivo, crítico e de uma educação estética. Para fundamentação teórica e realização dos trabalhos práticos, consultamos também o livro didático adotado, que traz informações sobre a história e técnicas de fotografia, além de sites especializados e cursos online. Utilizamos, ainda, a biografia e obras dos artistas, por meio de sites, imagens, longas-metragens e curtas-metragens. Dentre os estudados, merecem destaque O Sal da Terra, que nos ajudou a conhecer a trajetória Sebastião Salgado. Já o curta The Bang Bang Club trouxe informações sobre a vida e a carreira de Kevin Carter. Outras referências foram acrescentadas pelos discentes ao realizar as pesquisas complementares. As pesquisas eram sugeridas no final das aulas para toda a turma e também para os discentes que se voluntariaram a conduzir as aulas comigo.

### **Sobre a colaboração de outros professores e demais colegas da equipe de gestão pedagógica da escola:**

O desenho do projeto foi construído a partir de discussões, influências e vivências interdisciplinares no Campus, desde o encontro pedagógico, no início do ano letivo de 2019, quando a equipe fez um convite para realizar uma atividade de sensibilização com colegas de diferentes áreas do conhecimento. Por presenciar pessoas esperando nos fundos de uma das frutarias da cidade pelo descarte dos alimentos que não seriam mais comercializados, decidi trabalhar com o curta-metragem Ilha das Flores, para que nós, docentes, pudéssemos

pensar sobre a realidade desigual e buscar formas de intervenção. Após o curta, exibi um vídeo de crianças revirando o lixo na porta da minha residência. Após esse momento de debate, conheci o NEABI (Núcleo de estudos e pesquisa afro-brasileiros e indígenas) do campus e com a minha integração ao grupo (composto por docentes de Geografia, História, Literatura, Língua Portuguesa, Sociologia e discentes de diferentes cursos e níveis) comecei a pensar em conteúdos, atividades que tivessem relação com as problemáticas abordadas. Assim, a escolha por trabalhar com as obras de Sebastião Salgado e Kevin Carter foram se ajustando às discussões levantadas no referido grupo. Nas narrativas de Carter um tema desafiador é a fome no Sudão. Embora os colegas de outras áreas não tenham tido participação nas aulas, as concepções trazidas das diferentes áreas foram essenciais para o enriquecimento do projeto. Destaco as contribuições da professora de Sociologia, que fez importantes provocações nas reuniões do núcleo, além de orientações sobre produção e impressão das fotografias realizadas pelos alunos. Com experiência na área, se colocou a disposição para nos auxiliar na exposição fotográfica que realizamos. Nessa ação, contamos com a colaboração de diferentes discentes e docentes que integram o NEABI, especialmente na montagem no hall de entrada do Campus. Essa foi uma conquista importante, pois o PPP do Campus orienta a desenvolver os temas em sala de aula de forma interdisciplinar e em diálogo com os núcleos presentes em sua estrutura institucional.

É importante ressaltar também que o trabalho com a poética de Kevin Carter, nos motivou a abordar questões relacionadas ao continente africano por um viés que não estivesse atrelado a miséria e pobreza, mas que evidenciasse a beleza de suas produções artísticas. Então, realizamos oficinas em que tivemos discentes da turma de Informática e de outros cursos, assim como pessoas da comunidade de Mangabeiras para conhecer as pinturas faciais de diferentes etnias africanas. Nessa atividade, os participantes puderam apreciar as diferentes pinturas faciais e depois experimentar com os colegas essa expressão estética, compreender sua importância para as etnias africanas que as praticam.



Acima, pintura facial em estudante da rede municipal. À direita, graduanda em Biologia pintando uma criança da comunidade

Na oficina, intitulada Arte Africana e Afro-brasileira, trabalhamos a diferença entre essas duas categorias estéticas, assim como a relação entre as mesmas. Através dela, pudemos notar a construção de percepções valorativas do continente africano. Interessante é que além de discentes da turma de Informática que estudaram as fotografias de Kevin Carter, tivemos pessoas da comunidade de São Raimundo das Mangabeiras de diferentes idades e níveis de ensino, já que a realizamos durante as atividades da Semana da Consciência Negra.

### **Realização do projeto:**

No projeto trabalhamos com várias ações estéticas a partir de um processo formativo em arte que culminou numa exposição fotográfica dos discentes.

O referido projeto aconteceu em várias etapas. Na primeira, com os discentes do curso do terceiro ano do Médio/técnico em Informática, escolhemos em grupo os temas e conteúdos a serem estudados nos dois últimos bimestres do ano letivo de 2020. Apresentei uma série de conteúdos e temas para que a turma pudesse comentar seus interesses pelas abordagens. A escolha quase unânime foi a fotografia. Tentei notar as percepções e experiências que estes possuíam com a fotografia. Muitos tinham informações sobre a técnica, pois já pesquisavam o tema pela internet. Notei que faltava um aprofundamento no aspecto histórico da fotografia e uma abordagem mais reflexiva sobre a importância artística e estética da técnica. Combinei com o grupo a participação de uma dupla de discentes no planejamento de cada aula. Estabelecemos essa dinâmica e, ao final das aulas, escolhemos dois discentes voluntários para elaborar materiais, recursos metodológicos, selecionar artistas, entre outras questões. Nas primeiras aulas, decidimos trabalhar com a observação e representação dos elementos da linguagem visual através de fotografias. Optamos iniciar desse modo para estimularmos uma percepção dos aspectos formais para a análise de imagens. Solicitei que a turma se dividisse em grupos para representar os elementos abordados na aula através de fotografias realizadas no campus. Nas aulas seguintes iniciamos uma abordagem histórica sobre a Fotografia. Não nos restringimos a dados factuais. Buscamos provocar reflexões sobre o impacto do surgimento da fotografia no processo de criação de artistas e movimentos.



Fotografia feita pelos discentes para representar os elementos da linguagem visual (Planos)

Após a introdução histórica, iniciamos o estudo da vida e obra de Sebastião Salgado. Contamos com uma participação ativa de discentes que realizaram pesquisas bibliográficas sobre o conteúdo. Os alunos elaboraram slides que foram apreciados em sala de aula. Finalizada a parte de fruição e contextualização das obras desse artista, partimos para a abordagem do tema “trabalho”, o viés de denúncia contido nas fotos e solicitamos uma pesquisa acerca da precarização do trabalho na atualidade. Os discentes realizaram pesquisas em sites e livros e deram início ao trabalho de pesquisa sobre esse mesmo tema. Assim, elaboraram em sala de aula questionários a serem aplicados com trabalhadores que vivenciam situações precárias no trabalho. Nessa tarefa, foi interessante observar como muitos se voltaram para os trabalhadores terceirizados do campus e a realidade vulnerável de muitos familiares. França, uma das trabalhadoras responsável pela limpeza do campus que foi fotografada e entrevistada pelos discentes, destacou: **“É que nosso serviço é de extrema importância para todos do campus, porque sem ele não tem um ambiente saudável e limpo para trabalhar. Obrigada por nos ver como pessoas importante no Campus.”** Demos prosseguimento com o estudo e discussão em sala de aula sobre a utilização regulamentada de imagens em pesquisas, tendo em vista que muitos realizaram registros fotográficos dos trabalhadores em atividade. Nesse sentido, os mesmos foram orientados a elaborar um termo de autorização de utilização de imagens.

Após essa etapa, fizemos a apreciação coletiva das pesquisas e fotografias dos trabalhadores. Esse momento foi valioso, pois conseguimos fazer reflexões acerca do trabalho, dos direitos trabalhistas, das perdas de estas conquistas pelos profissionais nos últimos anos, e o aumento da precarização. Em seguida, iniciamos o estudo das obras de Kevin Carter. Esse estudo se deu com a mesma sistemática de trabalho utilizada na abordagem das obras de Sebastião Salgado: pesquisas bibliográficas, fruição de obras, aulas expositivas dialogadas e

envolvimento dos discentes na elaboração das aulas e recursos metodológicos. Ao estudarmos uma das obras desse artista, intitulada “A espreita da Morte”, notei que a sala ficou muito impactada com a história por trazer dessa fotografia e a relação da mesma com a morte do artista. A foto nos conectou com a realidade dura de muitas crianças da nossa cidade. Por essa razão, decidimos desenvolver uma pesquisa nas comunidades e bairros mais carentes da cidade para observarmos e registrarmos a situação de vulnerabilidade social das crianças. Essa fase foi a mais impactante para todos nós. Percebi que os alunos ficaram muito sensibilizados com a situação das crianças e os registros fotográficos coletados em campo. Ficaram tão inconformados, que comentavam sobre a vivência fora da sala de aula comigo, com outros docentes, colegas de outros cursos e turmas. Ao vermos as imagens e as observações dos discentes apresentando as fotografias, pensamos que poderíamos compartilhar esse material com a comunidade acadêmica.

As pesquisas apontaram que as desigualdades sociais na realidade brasileira e na cidade estão diretamente ligadas a outras questões estruturais, tais como racismo e desigualdade de gênero. A grande maioria das crianças em situação vulnerável era negra. Estávamos no mês de novembro, em processos de organização da Semana da consciência Negra. Então achamos que seria um bom momento para fomentarmos esse debate no campus, a partir dos dados e informações coletadas. Decidimos montar uma exposição com as fotografias dessas crianças. Realizamos esse trabalho com a colaboração do NEABI. O referido núcleo colaborou com a impressão de algumas fotografias e incluiu a exposição na programação do evento da consciência negra.



Captura de tela do grupo criado pelos discentes para a organização das pesquisas e exposição

Como o tempo em sala de aula não era suficiente para a organização da exposição, uma das discentes criou um grupo no WhatsApp, para que pudéssemos nos articular fora da sala de aula, grupo que permanece ativo ainda hoje. Depois da experiência, recebi de uma aluna a divulgação de um curso numa plataforma digital intitulado: Imagens para pensar o outro. Esse curso traz informações históricas sobre a nossa realidade a partir da análise de pinturas de artistas que produziram suas obras no Período Colonial. Notei que o interesse pela técnica estudada havia se intensificado.

Ao finalizarmos a exposição denominada “Poéticas Ancestrais em São Raimundo das Mangabeiras”, os discentes sugeriram que doássemos as fotografias para as crianças fotografadas. O trabalho implicava a necessidade

de retornar a essas crianças de algum modo. Como estávamos próximos ao Natal, os discentes organizaram cestas básicas para levarem junto com as fotografias. Em uma das casas chegamos por volta das 11 horas da manhã e não havia almoço.

Senti que os discentes que me acompanharam ficaram satisfeitos com a atitude que tiveram, mas busquei chamar atenção para o fato de que as atitudes pontuais não resolvem o problema da pobreza. É preciso promover mudanças nas estruturas sociais que sustentam a desigualdade social. Debates sobre as ações assistencialistas e como estas não resolvem os problemas.

Como o projeto foi sendo construído a partir das discussões, vivências em sala de aula, a organização do tempo didático não se deu de forma rígida, uma vez que ao longo das aulas íamos analisando se havia necessidade de mais tempo em aspectos teóricos ou práticos relativos às fotografias e artistas estudados, se necessitaríamos de mais tempo para o planejamento das atividades das pesquisas de campo. Nesse sentido, não tivemos um

cronograma que foi seguido rigorosamente. Ao longo dos dois últimos bimestres do ano letivo de 2019, verificamos as atividades e ações que demandavam mais ou menos tempo em sala de aula, conforme a complexidade das tarefas. O planejamento e organização da exposição, por exemplo, assim como a elaboração de questionários e roteiros das pesquisas de campo, teve um tempo mais extenso. Sentimos a necessidade de nos organizarmos fora da sala de aula, pois a carga-horária da disciplina Arte III era de apenas 40 horas. Como trabalhamos as atividades em 2 bimestres, as 20 horas em sala de aula não foram suficientes para a execução de todas as proposições. Sobretudo porque tivemos que buscar relações entre o tema estudado e outros conteúdos, especialmente os temas exigidos no Enem.

A leitura de imagens nos possibilitou um diálogo bastante profícuo com os discentes e permitiu a construção de percursos didáticos, inquietações, análises e reflexões a partir da análise das obras. Como materiais de estudo, indicamos sites, artigos e longas-metragens, materiais facilmente encontrados pelos discentes, haja vista que a biblioteca do campus possui um acervo bastante limitado sobre o tema.

As pesquisas bibliográficas foram de suma relevância para que os discentes pudessem adensar as abordagens sobre a fotografia em sala de aula e, além disso, deu aportes teóricos que foram fundamentais tanto nas pesquisas de campo, quanto nos trabalhos práticos de fotografia e a organização de exposições desses materiais.

Os desdobramentos do projeto foram muito significativos, não apenas para os discentes da turma de Informática, que protagonizou a vivência, mas toda a comunidade do campus de São Raimundo das Mangabeiras, provocando impactos em diferentes atores que convivem na instituição. Além dos elogios à exposição que ouvimos dos gestores e docentes, percebemos que a questão social exposta nas fotografias dos discentes provocou discussões em diferentes espaços do campus e nos bairros nos quais as crianças moravam. Nas atividades realizadas no final desse ano letivo, assim como no planejamento das ações a serem realizadas coletivamente em 2020, a exposição e o projeto foram citados como referência de articulação entre os saberes das disciplinas curriculares e as necessidades colocadas pela realidade social. Com o projeto, notei um interesse maior pela Arte, tanto por parte dos discentes, quanto pelos colegas docentes e gestores, no que diz respeito à abordagem de temas sociais. Observamos que o estudo da arte foi inserido em muitos projetos pedagógicos com perspectiva interdisciplinar, os quais ressaltam a necessidade de mudanças nas estruturas sociais e uma perspectiva de um outro futuro.

### **Sobre a avaliação do projeto:**

Decidi inscrever este projeto no prêmio Arte na Escola pelos aspectos significativos em termos de aprendizagem. Não apenas conteúdos curriculares específicos, mas atitudes críticas frente à realidade, às desigualdades sociais observadas pelas narrativas fotográficas dos alunos. Mesmo os discentes que tinham contato com algumas das pessoas fotografadas, por morarem próximo a elas, relataram ter mais empatia por elas depois do desenvolvimento da pesquisa e exposição. Segundo a discente Letícia, ***“Toda vez que passo na frente da casa dessas pessoas me lembro do trabalho que fizemos com elas e do quanto essa experiência foi incrível, tanto por ter conversado com elas como por ter ajudado no que podíamos fazer e estava ao nosso alcance...”***Através da produção das fotografias, observações de campo e diálogos, os discentes sentiram a necessidade de intervir e provocar mudanças, utilizando as fotos como forma de sensibilização. Para além do conhecimento de categorias conceituais e procedimentais relativas à fotografia, tiveram destaque os saberes atitudinais. A fruição, contextualização e produção de fotografias a partir do estudo das obras dos dois fotojornalistas ampliou a abordagem fotográfica dos alunos. Antes disso, poucos tinham interesse em abordar temas sociais em suas narrativas fotográficas.

Vale frisar que as diferentes opiniões nos momentos de discussão em sala de aula foram fundamentais para amadurecimento das estratégias do projeto. A reflexão teórica foi construída a partir dos diálogos que realizávamos no processo de leitura das imagens. Convidei a elaborar materiais e recursos, geralmente slides, para serem apresentados em turma. Em um desses momentos avaliativos a discente Ana Karen comentou ***“Podemos perceber que usando arte, aprendemos coisas que a gente não sabia sobre a nossa própria sociedade, sobre a nossa comunidade daqui de São Raimundo das Mangabeiras...”***

Notei que eles conseguiram desenvolver posturas mais questionadoras frente às imagens. Foi extremamente significativo presenciar atitudes leitoras diante dos recursos didáticos. Isso tudo se refletiu em questionamentos sobre as narrativas conhecidas, desenvolvimento de argumentos sobre o que viam e viviam nas suas realidades. Também compreenderam a dimensão política presente nas obras, a importância histórica e documental da fotografia. Aprenderam sobre uso e compartilhamento de imagens e a questão da ética na pesquisa. Isso permitiu reavaliar atitudes em redes sociais, notadamente o registro e compartilhamento de fotos sem a prévia autorização e conhecimento dos fotografados.

Algumas atividades não haviam sido pensadas inicialmente, mas ao longo do percurso decidimos inseri-las. A princípio não iríamos realizar uma exposição fotográfica, mas com as apreciações e análises das fotografias produzidas decidimos organizar uma exposição no campus, integrada ao dia da consciência negra. Outra proposição coletiva foi a doação das fotografias para as crianças fotografadas. Após a exposição um grupo de discentes retornou às residências visitadas para distribuição das fotografias. Esse foi um dos momentos mais significativos. O olhar de gratidão das famílias e crianças foi inesquecível. A atitude e falas também foram marcantes. A mãe de três crianças fotografadas enfatizou: ***“Eles ficaram mais bonitos! Não tinha retrato deles...Nem vou deixar eles pegarem, pra não bagunçar.”***

Uma das crianças teve um choque ao se ver na imagem. Ficou por horas se vendo, sem se reconhecer. Foi marcante a atitude de um pai que agradeceu muito pelas fotos e disse que a primeira coisa que faria ao finalizar a parede da sua casa era colocar as fotos na parede. Quando chegamos na sua casa, ele estava levantado as paredes de alvenaria, construídas dentro de uma construção de taipa (Fotografia intitulada Casas/página 07).

Tanto as pesquisas realizadas quanto as fotografias foram avaliadas coletivamente. Exibíamos as fotografias com projetor para análise das temáticas abordadas, enquadramentos, iluminação, recortes, recursos de zoom, desfoque, dentre outros. Os alunos eram estimulados a observar e avaliar comigo a produção dos colegas. Além das avaliações/apreciações coletivas, solicitei também análises escritas individuais sobre algumas obras, pedindo que elaborassem análises formalistas, mas também interpretativas. A partir disso tudo, produzi registros escritos sobre o processo, bem como vídeos e fotos das atividades realizadas.

Das múltiplas e significativas aprendizagens, destaco a inserção dos discentes de forma mais ativa em todo o processo formativo, desde o planejamento das atividades e aulas, escolha de conteúdos, metodologias e produção de recursos, como destaca a discente Ana Karen quando comenta: ***“A gente teve a oportunidade de fazer coisas que antes a gente não tinha interesse, não ia buscar por conta própria saber sobre aquilo. Então, a gente pôde entrar mais no tema, por que, trabalhando o conteúdo do livro, a gente fica distante do conteúdo. Só que, escolhendo o tema trabalhado, na matéria a gente fica mais a vontade... Até mesmo de está trabalhando aquele conteúdo...”*** Pude ter certeza do potencial formativo da pesquisa em arte, com diferentes abordagens para estudo, fruição e contextualização, resultando em mudanças de perspectivas e atitudes dos discentes frente às suas realidades, ressaltando, assim, como a educação estética é crucial para a construção do ser cidadão.

Vale destacar que a discussão acerca da desigualdade social, do racismo estrutural iniciadas com o estudo das fotografias dos artistas Kevin Carter e Sebastião Salgado tiveram continuidade em 2020 nas atividades remotas do IFMA. Através do projeto intitulado *#Arte de casa*, discentes de diversos cursos do campus de São Raimundo das Mangabeiras, puderam desenvolver trabalhos artísticos das suas residências. Através de diálogos e orientações feitas a distância, os convidei a continuar refletindo sobre essas temáticas e depois do nosso contato, elaborar trabalhos para compartilharmos nas redes sociais, com o intuito de darmos prosseguimento ao debate sobre esses temas. Podemos citar como exemplo, o vídeo do discente Walber, do curso de Agropecuária do 3º ano em que ele faz a interpretação do poema Intertexto, de Bertold Brecht.

Como toda a aprendizagem, esta ainda se mostra em processo. O projeto aqui descrito, apenas demonstra o início de uma experiência pedagógica que pretende contribuir para construirmos novas realidades sociais. Realidades em que crianças, mulheres, trabalhadores e trabalhadoras possam ter acesso a Arte, a Educação, saúde, lazer, independente da sua cor de pele e condição econômica. Que a Arte/Educação possa continuar a contribuindo com a (re)construção de novos mundos. Mundos sem desigualdades.



Captura de tela. Encontro de orientação online com discente de Informática

*“Depois dessa experiência querendo ou não você começa a ver tudo a sua volta com um olhar diferente, pois o que foi retratado nesse trabalho sempre esteve a nossa volta e nunca tínhamos parado para observar”*

*(Leticia, discente do curso de Informática)*

---

#### Referências bibliográficas:

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. FLORES.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 42 ed. 2005.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Livro 1. v.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

TAVARES, Kelly. **A leitura da imagem fotográfica em sala de aula**. Disponível

em:<<http://quasarte.blogspot.com/2007/07/leitura-da-imagem-fotografica-em-sala-de.html>>. Acesso em: 30 julho, 2020.